

## FICHA TÉCNICA

Título original: *L'Età del Caos — Viaggio nel grande disordine mondiale*

Autor: *Federico Rampini*

Copyright © 2015 Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milano

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Michelle Canelas*

Revisão técnica: *Carlos Braga*

Revisão: *Miguel Ferreira/Editorial Presença*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Composição, impressão e acabamento: *Multiitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal nº 418 082/16

1ª edição, Lisboa, janeiro, 2017

Reservados todos os direitos

para Portugal à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

# ÍNDICE

Introdução à edição portuguesa .....	11
Introdução .....	15
I A grande desordem debaixo do céu .....	23
II Democracias desgastadas e a história a voltar para trás .....	47
III A grande estagnação e as inovações estéreis .....	72
IV Imigração, o modelo que não existe .....	109
V A nova ordem chinesa .....	135
VI A Índia, mãe de todas as desordens .....	170
VII A nossa é a Sexta Extinção .....	192
VIII A tecnologia ao poder (o problema somos nós) .....	219
IX Escapar à ciência .....	257
Não é uma conclusão (porque é apenas o começo) .....	283

## Introdução à edição portuguesa

O mundo parece estar louco. É o terrorismo e a estagnação económica. São as guerras civis e os conflitos religiosos. E, ao mesmo tempo, temos a espantosa impotência do Ocidente para gerir estes choques ou, até mesmo, para se proteger.

As opiniões públicas ocidentais, sem qualquer orientação, abandonadas pelos seus líderes, cada vez mais insignificantes e irrelevantes, procuram refúgio em soluções extremas. São exemplos disso a vitória do Brexit no referendo que sancionou a saída da Grã-Bretanha da União Europeia e as mensagens radicais de Donald Trump e de Bernie Sanders que, durante a campanha eleitoral norte-americana de 2016, tiveram um resultado que há um ano seria inesperado e até mesmo imprevisível, tal como as derivas autoritárias na Polónia e na Hungria. Quer se trate de fenómenos duradouros ou transitórios, passageiros ou irreversíveis, todos têm uma coisa em comum: ao medo responde-se com a fuga para a recuperação da identidade nacional, procurando içar a ponte levadiça a fim de se isolar de todo e qualquer mal que venha «de fora».

É uma reação compreensível.

É uma reação normal tentar proteger-se da inaudita violência dos ataques terroristas de matriz islamita em solo europeu: uma escalada que, depois do atentado ao *Charlie Hebdo*, voltou a atingir Paris em novembro de 2015, Bruxelas em março de 2016 e Nice em julho de 2016.

E é normal procurar uma maneira de sair da estagnação económica que, ao longo de dez anos, tornou os filhos mais pobres do que os pais.

A imigração e a globalização são os dois fenômenos que são apontados como causadores destas circunstâncias.

A grande traição das elites conduz à procura de soluções novas... ou muito antigas. Essa traição é real. Por elites entendo as classes privilegiadas que extraem recursos do resto da sociedade através do poder que exercem diretamente: os políticos, os tecnocratas e os funcionários públicos de nível superior que estão na esfera do governo; os capitalistas, os banqueiros e os gestores de topo que se situam na esfera da economia. E ainda aquelas pessoas que têm um poder indireto que exercem através da criação de ideias, da disseminação de paradigmas ideológicos, da hegemonia cultural, que são os intelectuais, os pensadores, os comentadores, os jornalistas e os educadores. Inclusive eu.

A traição das elites ocorreu quando acreditámos no mantra da globalização, teorizámos e apontámos os benefícios da abertura das fronteiras. Estes benefícios, para a maior parte, não foram absolutamente concretizados.

A traição das elites consumou-se quando defendemos até às últimas consequências todas as formas de imigração, sem ver a enorme ameaça que estava a amadurecer no mundo islâmico, uma hostilidade implacável aos nossos sistemas de valores.

A traição das elites continuou ao praticar a autoculpabilização permanente, um reflexo pavloviano herdado do tempo em que «nós» éramos o umbigo do mundo, como se ainda hoje todos os males do nosso tempo fossem devidos ao Ocidente e, portanto, remediáveis através da reparação dos nossos erros. A traição das elites justificou todo o tipo de violência contra nós, reconduzindo-a para os nossos pecados ancestrais, e, por isso, criando a ilusão de que o mundo pode voltar a estar «em ordem» se o Ocidente se arrepender e tomar o caminho certo.

O pensamento «politicamente correto», dominante entre os tecnocratas, as elites e tantos governantes de esquerda, continuou a afirmar a sua devoção a tudo o que é supranacional. Deste modo, por definição, tudo o que une para além das fronteiras foi considerado positivo, como é o caso dos tratados de comércio livre e das organizações multilaterais. Prestou-se, sempre e em toda a parte, homenagem à sociedade multiétnica, sem querer admitir que esta expressão

em si não significa nada. O conceito de «sociedade multiétnica» não nos diz o que é o resultado final, o sinal dominante, a combinação de valores que regem uma sociedade com capacidade para absorver os fluxos migratórios crescentes. Os Estados Unidos são há muito tempo uma sociedade multiétnica, tal como a Índia e o Brasil o são; e também a Turquia e o Iraque são sociedades multiétnicas com as suas minorias arménia e curda. Queremos ser semelhantes a quem?

«Eles não se esqueceram de nada. E não aprenderam nada.» Diz-se que foi deste modo que Charles Maurice de Talleyrand, a famosa personagem da Revolução Francesa e do período napoleónico, definiu os exilados nobres quando, com a Restauração de 1815, regressaram à sua terra natal.

Devemos evitar que esta frase acabe também por descrever a nossa geração e o nosso tempo.

FEDERICO RAMPINI

Nova Iorque, 15 de agosto de 2016

## Introdução

Nos Estados Unidos da América, a Itália aparece nas notícias por ser aquele pequeno país ao qual chegam ondas de pessoas desesperadas, constrangidas a atravessar o Mediterrâneo para fugirem a múltiplas devastações: o avanço do Estado Islâmico, as guerras civis e a miséria.

A vizinha França sofreu o seu 11 de Setembro, a chacina do *Charlie Hebdo* no coração de Paris; a pátria da liberdade, igualdade e fraternidade interroga-se sobre a sobrevivência de um modelo laico e republicano em que muitos deixaram de acreditar. O melhor retrato das angústias francesas está no romance *Submissão* de Michel Houellebecq, uma história de ficção política onde se imagina um presidente muçulmano no Eliseu. Em Ventimiglia ou em Dover, erguem-se barreiras ilusórias. A Inglaterra debate novamente a sua saída da União Europeia, depois de a Escócia ter debatido a sua saída do Reino Unido (por agora, decidiu que não sairá). A Alemanha é um colosso económico com pés de barro, simultaneamente prepotente e tímida, incapaz de dar à Europa um projeto novo, forte e convincente. Foi um outro país que se tornou o símbolo do melhor modelo europeu: o grande politólogo americano Francis Fukuyama cunhou a expressão «tornar-se a Dinamarca», para ilustrar a transição para uma democracia liberal exemplar; na verdade, até mesmo a Dinamarca não está segura de querer ser a Dinamarca, a julgar pela ascensão de partidos xenófobos, pela propagação de novos pobres num paraíso escandinavo que se sente cercado. A NATO procede ao seu rearmamento para fazer frente a Vladimir Putin, mas as opiniões públicas europeias afastam os olhos do rufar dos tambores da guerra. É demasiado complicado,

ou demasiado caro, prevenir-se contra os outros imperialismos? Os europeus têm outras coisas em que pensar: os filhos desempregados ou mal pagos; os cortes nas pensões; os serviços públicos em declínio. A partir de Roma, o Papa Francisco lança um aviso a todo o mundo, que vê estar a caminhar para uma catástrofe ambiental irreversível.

A minha América não está muito melhor. Apesar de ser a nação mais dinâmica sob vários aspetos — economia, demografia, energia, ciência, tecnologia —, padece todavia de uma insegurança surpreendente: após seis anos de crescimento real do emprego, uma boa parte dos americanos continua a pensar que «o país está no caminho errado». Porque muitos jovens, embora tendo melhores oportunidades de carreira do que na Europa, não podem aspirar ao padrão de vida dos seus pais. A próxima revolução tecnológica — o salto em frente da robótica e da inteligência artificial — ameaça tornar inúteis ou subalternizar muitas profissões intelectuais. A crise económica, a mais grave após a Grande Depressão dos anos 30 do século passado, deixou feridas abertas: não menos importante é o facto de esta crise ter sido «desperdiçada», de não ter trazido mudanças decisivas; dela não resultou sequer uma interpretação comum; as ideologias continuam entrincheiradas em duas leituras diametralmente opostas daquilo que aconteceu após 2008.

A perda de uma missão tem também o seu peso. A América, até mesmo aquela que continua convencida da sua «excecionalidade», deixou de acreditar que seja possível uma *pax americana* no mundo. Somos a primeira geração que testemunha um acontecimento inaudito, o encerramento de uma fase histórica que durou meio milénio, o domínio do homem branco sobre o planeta, que começou com a época das grandes descobertas, a que se seguiram as conquistas coloniais. O pêndulo da história trouxe-nos de volta ao ponto onde o tínhamos deixado há cinco séculos, pelo menos, sob o ponto de vista das hierarquias e das relações de forças: quando o centro de gravidade do mundo era a China e a Índia, a zona mais rica e avançada, bem como a mais populosa. Mas o pêndulo da história é lento. Ainda estamos na transição, num daqueles períodos instáveis e perigosos em que a ordem antiga se está a desintegrar e, no entanto, ainda não existe qualquer vestígio da ordem nova. O declínio (relativo) da América não é compensado pelo aparecimento de um futuro radioso

noutros países hegemónicos. Além disso, quem de entre nós (mentalmente são e de boa-fé) anseia sinceramente viver debaixo de uma *pax chinesa* ou *russa*? Até o antiamericanismo tem limites!

Estamos numa fase em que os modelos alternativos ainda não se encontram em circulação; são prevaletentes as coligações ocasionais entre os ressentimentos contra o Ocidente. Os chineses ou os russos, os árabes ou os africanos, conseguem facilmente enunciar os enormes males históricos que lhes foram infligidos pelo Ocidente. Mas não criaram a visão de um mundo diferente a ser construído em vez daquele que nós dominamos.

Este livro descreve as linhas de fratura que atravessam o mundo em que vivemos, traça as fronteiras mais atualizadas, as forças que o estão moldando. Da geopolítica à economia, do ambiente às crises da democracia, da revolução tecnológica ao futuro das potências emergentes, a China e a Índia. Conhecer o Caos é a condição essencial para o dominarmos e controlarmos, ou, pelo menos, para nos defendermos, para sobrevivermos e para nos adaptarmos a ele.

Existe uma espécie de sedução pelo caos. Sinto-a a crescer à minha volta. A atração fatal, maléfica e demoníaca por ele, sentimo-la através de uma mudança subtil da linguagem. Vamos assumir a palavra «vírus». A definição original, que consultei na Wikipédia, é a seguinte: «São pequenos agentes infecciosos que se reproduzem no interior das células vivas de outros organismos.» O início do seu estudo remonta ao biólogo russo Dmitrij Ivanovskij, em 1892. Nos anos 90 do século passado, por analogia, começámos a falar dos vírus informáticos, capazes de infetar os nossos computadores. Sempre com um sentido negativo.

Com a chegada do terceiro milénio, deu-se, pelo contrário, uma rotura lexical: «viral» tornou-se um elogio, uma conotação emocionante, um sinal de sucesso. Se um vídeo no YouTube atrai uma enorme quantidade de público, definimos a sua difusão como «viral». Se uma *start-up* lança uma *app* para telemóveis que conquista os utilizadores, como o Instagram ou o WhatsApp, ei-la promovida ao nível de um fenómeno «viral».

Depois, o vocabulário da medicina e da biologia estende-se à geopolítica e à religião. O avanço do Estado Islâmico a vastas áreas do

Médio Oriente, do Norte de África e da África Subsariana, pela sua rapidez, é descrito como um «contágio». Reconhecidos especialistas fazem o paralelismo com as epidemias e com as pandemias. De novo os vírus. E mais uma vez, a linguagem oscila entre o apocalíptico e o fascinado. Sim, existe uma espécie de fascínio: também aqueles que se sentem horrorizados com o fundamentalismo islâmico e com a violência dos jihadistas ficam, por vezes, maravilhados com a sua eficiência, por exemplo, no que se refere à manipulação da Internet e das redes sociais.

É significativo o exemplo de um conhecido especialista americano em geopolítica, Joshua Cooper Ramo, autor do livro *The Age of the Unthinkable: Why the New World Disorder Constantly Surprises Us and What We Can Do About It (A Era do Imprevisível: Porque é que a nova desordem mundial nos surpreende e o que podemos fazer quanto a isso*, Casa das Letras, Lisboa, 2010). Ramo é diretor da Kissinger Associates, o centro de estudos estratégicos criado pelo ex-secretário de Estado americano Henry Kissinger, que vende consultoria de elevadíssimo nível (e a preços elevados) aos governos do mundo inteiro. Ramo foi também vice-diretor da revista *Time* e, tal como eu, dividiu a sua vida entre Nova Iorque e Pequim, sendo um membro da elite da geopolítica mundial. Não tem certamente simpatia pelo islamismo, nem sequer é um revolucionário. Pelo contrário, é um conservador liberal, tal como Kissinger. Porém, o seu livro começa com a descrição fascinada por um dos chefes do Hezbollah na guerra ininterrupta com Israel. Ramo não compartilha nem a ideologia nem os métodos do Hezbollah. O que é que o fascina naquele personagem? A mesma mentalidade inovadora que viu nos jovens empreendedores de Silicon Valley. A mesma capacidade de projetar o impensável: uma exigência de vida ou de morte, quando tem de lutar contra o exército israelita, um dos exércitos mais poderosos do mundo, a partir de uma posição de inferioridade. É um exemplo de guerra assimétrica, atropelando todas as regras. O caos como princípio dinâmico.

Para Ramo, o mundo atual está marcado, precisamente, por esta assimetria. Existem, por um lado, as classes dirigentes, os membros do poder estabelecido, os governantes, cuja formação está radicada irremediavelmente no passado e, por esta razão, são incapazes de compreender o futuro. Estes tendem a pensar de modo «linear»;

como se a História fosse previsível e, conseqüentemente, fosse possível restaurar qualquer tipo de *statu quo*, de estabilidade. Por outro lado, existe uma nova elite, os verdadeiros protagonistas do futuro: os guerrilheiros ou os empreendedores de *start-ups* que veem na instabilidade a nova norma, pensam o caos como uma oportunidade. É aqui que reside a sua força. O Estado Islâmico contra o Ocidente: o confronto é desigual, David contra Golias. Mas o mesmo foi verdade quando, no início, a Microsoft de Bill Gates teve de enfrentar a superpotência informática original que era a IBM. E, em seguida, quando chegou a vez da Google, do Facebook, etc. A «destruição criadora» de Silicon Valley na Califórnia é alimentada por táticas de guerrilha: os inovadores são minúsculos quando partem ao assalto dos poderes constituídos. A sua força consiste no facto de não terem nada a perder, um pouco como os jihadistas.

No mundo do empreendedorismo mais dinâmico, que tem o seu epicentro internacional junto a São Francisco, o vocábulo mais em voga é *disruptivo*. Para se ser um protagonista deve ser-se *disruptivo*, isto é, fraturante, devastador, destrutivo. Muito simplesmente: se alguém deixar de o ser, e se se sentar sobre os louros, está acabado. Atrás dele está outro jovem ávido, que está a preparar a sua queda.

Se sacudir o pó à memória da minha juventude militante, vejo analogias impressionantes com o pensamento de Mao Zedong e de Leon Trotski, aqueles que teorizavam (e, no caso de Mao, praticavam) a revolução permanente; da instabilidade faziam uma arma, um recurso estratégico. O mundo de hoje — tanto no campo militar como também na economia — possui um pensamento semelhante.

Um guru da economia e das finanças, que é também um dos homens mais ricos do planeta, traça este quadro. George Soros, depois de ter previsto algumas das grandes crises económicas, dirigiu a sua paixão para a política internacional. Eis aquilo que escreveu num recente ensaio publicado na *New York Review of Books*: «A cooperação internacional está em declínio quer na esfera política quer na financeira. A ONU falhou face a todos os conflitos importantes no pós-Guerra Fria. A conferência sobre as alterações climáticas de 2009, em Copenhaga, deixou amargas desilusões. Em vez de falarmos de uma ordem global, devemos falar de uma desordem global. Os derrotados

num conflito tendem a procurar uma outra desforra num outro conflito. Por exemplo, a crise síria intensificou-se quando a Rússia de Putin e o Irão vieram em ajuda de Assad, cada um deles com as suas razões. A Arábia Saudita forneceu o primeiro financiamento ao Estado Islâmico. A China está a criar instituições paralelas no plano financeiro. A União Europeia, que nasceu como um projeto válido supranacional, deixou-se submergir em problemas internos e não tem uma influência internacional adequada. Os Estados Unidos também se deixaram enredar na introspeção. Como os ocidentais são o pivô da ordem mundial prevalecente, o declínio da sua influência cria um vazio.» Na mesma intervenção, Soros lança a proposta para se fazer uma grande parceria estratégica entre a América e a China, mas também ele é assaltado por dúvidas: «As duas potências têm sistemas políticos fundamentalmente diferentes.»

Um dos meus jornalistas americanos preferidos é Thomas Friedman, do *New York Times*, outro observador atento do mundo em que vivemos. Um dos seus recentes artigos (traduzido para o *Repubblica* a 23 de maio de 2015) contém passagens esclarecedoras: «Estamos no meio de algumas perturbações enormes no âmbito da tecnologia, no mercado de trabalho e na geopolítica, que levantam questões muito quentes sobre o contrato social entre governos e cidadãos, empresas e trabalhadores. Quais são os sinais premonitórios dessas perturbações? Bem, por enquanto o meu candidato ao título de melhor início de um artigo é Tom Goodwin, diretor da Havas Media, cuja intervenção no TechCrunch começa assim: “A Uber, a maior empresa de táxis a nível mundial, não possui carros. O Facebook, proprietário da rede social mais popular do mundo, não cria conteúdos. Alibaba, o revendedor *online* mais eficaz a nível mundial, não tem produtos em armazém. A Airbnb, o maior fornecedor a nível mundial de reservas de alojamento, não possui uma única casa. Está a acontecer algo de verdadeiramente interessante.”

Isto é pouco mas é verdade. Encontramo-nos no início de uma transformação muito significativa daquilo que vale a pena possuir. As empresas de que falamos têm uma coisa em comum: todas elas criaram uma plataforma de confiança onde a oferta encontra a procura de objetos e de serviços em que ninguém tinha pensado antes de esta ter

sido disponibilizada; um quarto a mais na própria casa, um lugar no próprio carro. Ou são plataformas comportamentais que vão gerar, como subproduto, informações de elevado valor (sobre nós mesmos), para vendedores e publicitários. Ou ainda plataformas em que as pessoas comuns podem tornar-se conhecidas para mais tarde se oferecerem ao mercado à escala global.»

Quanto às consequências, o próprio Friedman cita um estudo da Oxford Martin School em que se afirma o seguinte: 47% dos postos de trabalho americanos estão em risco de ficarem obsoletos, a maior parte das vezes correndo o risco de serem substituídos pelas máquinas. E, desta vez, não são os operários os mais vulneráveis, mas sim os profissionais intelectuais. Qual é a sua conclusão? É convergente com o título deste livro. «Cada vez mais», escreve Friedman, «a fronteira estará entre o Mundo da Ordem e o Mundo da Desordem, enquanto as pressões de natureza ambiental, sectária e económica eliminam os Estados fracos e falidos. Todos os dias lemos notícias nos jornais sobre aqueles que fogem do Mundo da Desordem para o Mundo da Ordem. No ano passado, a ONU revelou que, em todo o mundo, existem mais refugiados — 50 milhões — do que aqueles que foram provocados pela Segunda Guerra Mundial. O problema está em não sabermos exatamente o que devemos fazer. Antigamente, para controlar os países em que reinava a desordem, confiávamos nos impérios, nos colonizadores e nos ditadores; mas agora vivemos numa era pós-imperialista, pós-colonialista e, em muitos casos, pós-autoritarismo. Ninguém quer ocupar-se das zonas em que reina a desordem, porque o único resultado que se obtém é uma conta para pagar.»

O caos pode ser uma oportunidade para nós? O que podemos aprender com o mapeamento da Desordem dominante? Não faltam guias respeitáveis neste campo. Às vezes, insuspeitos. O estratega chinês Sun Tzu, autor de *A Arte da Guerra*, no século V a. C., ensina-nos a enfrentar um adversário mais forte do que nós confiando nas nossas próprias forças. Em mandarim existe apenas uma palavra para designar «crise» e «oportunidade». Sócrates, o filósofo grego, de acordo com o retrato que Aristófanes traçou dele na comédia *As Nuvens*, considerava o Caos como uma divindade.

Mais recentemente, foi a matemática pós-newtoniana que fez da Teoria do Caos um dos seus mais importantes desenvolvimentos. A direção tomada pelos cientistas é bastante diferente da aceção popular — negativa e catastrofista — da desordem, da anarquia e da ausência de regras «lineares». Não pretendo resumir aqui os desenvolvimentos mais relevantes da ciência contemporânea, mas recorro a um ilustre matemático para desfazer alguns mitos. Trata-se do inglês Leonard Smith, professor no Pembroke College de Oxford e na London School of Economics. «Um dos mitos sobre o caos que deve ser denunciado», diz Smith, «é a afirmação de que este torna inútil toda e qualquer tentativa para fazer previsões. O caos reflete certos fenómenos na matemática e na ciência: sistemas em que as pequenas diferenças no modo como as coisas são no momento atual podem ter grandes consequências sobre como as coisas irão ser no futuro.» O estudo do caos, entretanto, alargou-se à astronomia, à meteorologia, à biologia e, obviamente, à economia. A diferença em comparação com a matemática e a física de Newton pode resumir-se a esta afirmação: «Com base nas leis de Newton, o futuro do sistema solar é completamente determinado pelo seu estado atual. O mundo será determinista se a sua situação atual definir completamente o que virá a ser o seu futuro.»

Não nos devemos admirar se os mais jovens, os mais transgressores, os mais criativos de nós sentem no caos uma promessa de possibilidades ilimitadas. Um mundo não determinado, um mundo onde as pequenas mudanças de hoje podem produzir grandes consequências amanhã. Porque é que devemos ver apenas o lado negativo?

Uma outra lição que podemos retirar das palavras de Leonard Smith é esta: «Poucas acusações são tão graves como a de se ter gasto a própria vida profissional a procurar respostas para uma pergunta errada.»

Nova Iorque, 20 de julho de 2015